



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA - PB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRARIAS - CCHA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ANDRÉIA ALMEIDA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2016**

ANDRÉIA ALMEIDA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof^a Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Andréia Almeida.
Variação linguística e ensino [manuscrito] : uma análise em livros didáticos / Andréia Almeida Silva. - 2016.
33 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira
Dantas, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Língua portuguesa. 2. Linguagem. 3. Ensino. I. Título.
21. ed. CDD 410

ANDRÉIA ALMEIDA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Letras.
Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 19/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
Prof.^a Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

José Marcos Rosendo de Souza
Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

Eianny Cecília de Abrantes Pontes
Prof. Esp. Eianny Cecília de Abrantes Pontes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

A meu pai, Adalberto (In memoriam), por ter me ensinado a ser forte;
por ter me ensinado a caminhar sempre de cabeça erguida;
pela educação que me deu e pelo exemplo de honestidade que me deixou;
pelo amor incondicional que sempre me deu,
e por nunca ter me dito que eu não conseguiria.

A ele é dedicado tudo o que eu fizer de bom nesse mundo!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por sempre me mostrar que sou protegida, guiada e iluminada pela sua presença divina no mais íntimo do meu ser. Obrigada Deus, o que seria de mim sem a fé inabalável que tenho em ti.

Aos meus pais, Adalberto (in memoriam) e Salete, por serem meus exemplos de vida e minha eterna fonte de inspiração. Obrigada por serem quem são, pelos ensinamentos, o companheirismo e a proteção de sempre. A vocês devo tudo que sou, e sou imensamente grata a Deus por ter nascido de vocês. Eu amo muito vocês, ao infinito e além.

Aos meus irmãos, quero aqui registrar o orgulho que tenho de nossa tão unida família, e agradecer de maneira especial a Adalberto Júnior, por estar ao meu lado desde os primeiros dias de minha vida, sendo sempre um grande amigo, cúmplice e apoio. Amo vocês, infinitamente.

A minha querida avó e aos meus Tios, por todo carinho e amor que me foi dado desde os primeiros dias de minha vida, por todo apoio e força nas horas de aflição e por sempre estarem prontos a me ajudar, muito obrigada. Amo muito vocês!

A minha orientadora, Aparecida Calado, por todo incentivo, entusiasmo e dedicação durante a construção desse trabalho. Muito obrigada pelo apoio, pela paciência e principalmente por acreditar em mim e me fazer acreditar que seria capaz. Eu não poderia ter feito escolha melhor, muitíssimo obrigada por tudo. Te adoro!

Aos meus amigos, por serem minha família fora de casa e por serem quem são. Deus não poderia ter colocado pessoas melhores em meu caminho, vocês são parte de mim, amo vocês!

Aos meus colegas pelo companheirismo durante a caminhada acadêmica. Durante esses anos pude construir grandes amizades que levarei eternamente em meu coração.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras, por contribuírem com a minha formação e me fazer amar as Letras. Muito Obrigada!

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. (BRASIL, 1998, p. 29)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	08
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEITO E CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	08
2.2	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	10
2.3	OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	12
3	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS	14
3.1	DESCRIÇÃO DOS LIVROS ANALISADOS	14
3.1.1	Sobre o livro “Português: Linguagens” de Cereja e Magalhães (2012).....	15
3.1.2	Sobre o livro “Projeto Teláris: português (Borgatto, 2012)	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24
	ANEXOS	25

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: UMA ANÁLISE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Andréia Almeida Silva*

RESUMO

Considerando a importância do ensino da variação linguística nas aulas de língua materna, este trabalho tem como objetivo analisar como esse fenômeno é tratado nos livros didáticos de língua portuguesa, especificamente no 6º Ano do Ensino fundamental. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter exploratório e descritivo, buscou-se construir um aporte teórico que apresenta a natureza heterogênea da linguagem e sua relação com os aspectos socioculturais, identificando o modo como os pressupostos da Sociolinguística estão correlacionados aos documentos oficiais e materiais didáticos, que pautam as práticas e metodologias escolares. Assim, fundamenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), Bagno (2002, 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2005) entre outros aportes da linguística contemporânea, que nos permitiram analisar atividades propostas e concluir que a variação ainda não ocupa um espaço significativo nos livros didáticos de língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Linguagem. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

A conexão entre a Sociolinguística e o ensino de Língua Portuguesa tem sofrido avanços consideráveis nos últimos tempos e tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores preocupados em propiciar uma maior dinâmica às aulas de língua materna.

Considerando o caráter heterogêneo da língua e sendo o livro didático um dos principais suportes pedagógicos utilizados em sala de aula, faz-se necessário que o mesmo ofereça um considerável espaço para que a linguagem possa ser entendida como construto das relações interacionais estabelecidas pelos sujeitos.

Nesse sentido, esta pesquisa bibliográfica e documental, de caráter exploratório e descritivo, procurou realizar um estudo sobre o tratamento das variedades linguísticas em dois volumes do 6º ano do ensino fundamental, de duas diferentes coleções: “Português: Linguagens” de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães (2012), ed. Saraiva, e “Projeto Teláris: Português” de Ana Maria Trinconi Borgatto (2012), ed. Ática, verificando a relevância dessa abordagem no processo de ensino e aprendizagem.

Os principais teóricos utilizados no desenvolvimento do trabalho são os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1988), Bagno (2002 e 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2005) entre outros aportes da Sociolinguística e linguística contemporânea, que se

*Aluna de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV
Email andreiaalmeida_vip@hotmail.com

preocupam em imprimir aos estudos da linguagem o caráter dinâmico e maleável, que se adequa as diferentes situações de uso, o que justifica a importância de se dá destaque à variação linguística nas aulas de língua portuguesa, sendo, portanto, necessário que nos livros didáticos haja espaço para que essa discussão se constitua de forma eficiente.

As discussões aqui apresentadas não esgotam o assunto e permite perceber que, embora a língua seja, reconhecidamente, heterogênea, pouco espaço é dispensado, no livro didático de língua portuguesa, ao tratamento da variação linguística, o que aponta para a necessidade de se encorajar o debate sobre o assunto, redirecionando as práticas pedagógicas e atribuindo um novo valor social aos materiais didáticos utilizados nas aulas de língua portuguesa, uma vez que enquanto sujeitos sociais o uso da língua está condicionando as situações sociais estabelecidas.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEITO E CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nos últimos séculos, os estudos relacionados à língua/linguagem começaram a sofrer algumas transformações, e o modo de ver a língua padrão como única maneira correta começou a sofrer críticas.

A partir dessas mudanças, vários linguistas seguiram por novas áreas de interesse. Desse modo, surgiram várias correntes teóricas, que dividiram a linguística de acordo com o ponto de vista de como é observada a linguagem.

Para Orlandi (2009), pode-se reconhecer que existem na história da linguística duas vertentes principais. Uma que busca uma linguagem universal, constante e única, levando em consideração as relações entre o pensamento e a linguagem; e outra que investiga a relações sociais, o múltiplo, diverso e variado.

No início do século XX, considerando a importância de estudar as relações da língua em suas diversas manifestações, e em contraposição as teorias que consideram a língua como uma realidade desvinculada dos fatores sociais, surge a Sociolinguística, o ramo da linguística que estuda as relações entre a língua e a sociedade e dá ênfase ao caráter institucional da língua.

De acordo com Tarallo (2005, p. 7-8),

Esse modelo teórico-metodológico tem como precursor o americano William Labov, contudo, ele não foi o primeiro sociolinguista a surgir no cenário da investigação linguística, seu modelo analítico é rotulado por alguns estudiosos de sociolinguística quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico de dados coletados.

A linguística de Labov é conhecida como sociolinguística variacionista ou teoria da variação e surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, e foi fator fundamental para o desenvolvimento do conhecimento da língua. Essa abordagem enfatiza a heterogeneidade da língua, ou seja, as influências sociais sobre os elementos da língua. Sua teoria tornou-se referência do estudo da variação e mudança linguística.

A noção de heterogeneidade linguística proposta pela teoria de Labov rompe com a noção de língua fechada. A base teórica da sociolinguística é aceitar a heterogeneidade ordenada da língua, e como heterogênea e ordenada à competência dos falantes. A língua passa a ter um caráter de natureza quantitativa com foco na língua em uso. Assim, a análise sociolinguística dá maior ênfase ao processo de interação, ou seja, fala e sociedade, apoiando-se na necessidade de compreender os fatores que influenciam as mudanças linguísticas.

Assim, Tarallo (2005), afirma que essa espécie de funcionalismo da língua trouxe para a linguística uma valiosa contribuição, na compreensão dos aspectos relevantes da linguagem, de modo “que as “falhas” da linguagem devem ser consideradas de forma produtiva e não “erros” [...] os desvios são partes constitutivas da linguagem e estão inseridos em seu funcionamento”, de modo a enraizar a concepção de língua como um fator social.

A Sociolinguística prevê um estudo descritivo do efeito de todos os aspectos da sociedade, incluindo as normas culturais, expectativas e contextos, na maneira como a linguagem é usada e os efeitos do uso da linguagem na sociedade, ou seja, o estudo da língua em funcionamento, propondo, assim, traçar caminhos que harmonizem a concepção de língua como uma realidade inerentemente variável e ordenada.

Desse modo, a forte contribuição da Sociolinguística é, sem dúvida, o entendimento da variação, que trata da relação entre a linguagem e a sociedade, de modo que torna possível perceber as diferentes nuances do discurso de acordo com os contextos sociais em que o falante está inserido e postula que existem variações tanto de natureza interna quanto externa da língua.

Do ponto de vista sociolinguístico, não existe certo e errado, mas o diferente; existe uma relação estreita entre as formas da língua e os diferentes grupos sociais que a utilizam, entretanto, socialmente, as coisas ainda não são conduzidas dessa forma. Por isso, é relevante para o ensino de língua portuguesa que haja esse entendimento em relação à variação

linguística, contribuindo com as práticas pedagógicas para que, de fato, ocorra no ambiente escolar, a tão esperada promoção social.

2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O português, como qualquer língua, é um fenômeno social, um bem cultural que se espalha por todos os níveis sociais. Pelos usos diferentes no tempo e nos mais diversos contextos sociais, as línguas passam a existir como um conjunto de variações, cada um apresentando suas peculiaridades com relação a alguns aspectos da língua.

O reconhecimento dessas peculiaridades representa um marco importante no desenvolvimento da ciência linguística, tornando possível o estudo da variação e da compreensão de não falarmos todos da mesma forma, como nos afirma Tarallo (2005, p. 23) “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação [...] a essas formas dá-se o nome de “Variantes Linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

Do ponto de vista estrutural da língua, todas as variedades são perfeitas e completas em si, o que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade. Os modos diferentes de falar ocorrem porque as línguas se transformam/evoluem com o tempo e vão adquirindo peculiaridades. Nessas transformações não aparece o certo e o errado, mas o diferente.

Pensando na realidade linguística do nosso país, o ensino da variação se torna um fator de extrema importância, visto que os diferentes falares existentes no Brasil não podem ser considerados melhores ou piores e as diferenças existentes entre eles estão vinculadas a uma avaliação social que a própria sociedade faz desses falares.

De acordo com Bagno(2002, p. 73)

[...] mesmo que tenhamos tudo isso muito claro em nossas mentes, é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociológico, o “erro” existe e sua maior ou menor “gravidade” depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. [...] O “erro” linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, [...].

Nesse sentido, vale salientar que, nos últimos tempos, a variação linguística tem sido objeto de intensos debates linguístico-pedagógicos, com o objetivo de embrandecer a postura

dos professores em relação à função da escola, que precisa ser entendida para que não comprometa o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Possenti (1984) é preciso reiterar que todas as variedades são boas e corretas, e que funcionam segundo regras tão rígidas quanto se imagina que são as regras da língua clássica dos melhores autores. As variedades não são erros, uma vez que são “moldadas” pelos contextos de uso. Desse modo, a língua deve ser vista como uma realidade dinâmica, como um ato social, um conjunto heterogêneo de variedades, com igualdades e legitimidades reconhecidas.

Para Bagno (1961, 37) “o verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas”, e que tudo que se distancia dessa realidade deve ser esquecido, considerado errado e/ou impróprio.

Sobre essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (1998), afirmam que a língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geograficamente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Segundo Gomes (2009, p. 76)

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como um sistema rígido de leis a serem cumpridas, e aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso.

Nesse sentido, pode-se dizer que esse preconceito linguístico existente na sociedade interfere no processo de aprendizagem e compreensão da língua materna, uma vez que discrimina aquele que não faz uso da variante padrão. Assim, o ensino da gramática não deve ser encarado como único e acabado; com relação a isso, Bagno (2007, p. 21) afirma que “a gramática tradicional merece ser estudada [...] mas não para ser aplicada cegamente como única teoria linguística válida nem, muito menos, como instrumento adequado para o ensino”.

Daí a importância de se discutir a variação linguística, principalmente no ambiente escolar, pois está presente nos bancos escolares, na pessoa de cada aluno. É fundamental para um ensino eficaz discutir como são os diferentes falares, por que são diferentes, o que essa diferença representa e como a sociedade encara essa variação. É preciso, como propõe Bagno (2002, p. 17), “desenvolver uma educação linguística que articule modificações para o ensino prescritivo da gramática”.

Naturalmente, a escola deve fazer com que os alunos percebam que eles não falam de uma só maneira, mas de várias formas, condicionadas às interações sociais e aos contextos de uso, o que justifica a relevância dos estudos das variações linguísticas, levando o aluno a compreender a importância de se considerar todas as formas de uso da língua.

2.3 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As concepções teóricas que permeiam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) privilegiam uma dimensão discursiva da língua e a define como uma condição do indivíduo em seu meio social. Pode-se claramente perceber a articulação dos conteúdos de língua portuguesa em torno de dois grandes eixos: o uso da língua oral e escrita e o da reflexão sobre esses usos.

Nesse sentido, de acordo com Brasil (1998), o ensino da língua portuguesa responsabiliza-se pelo pleno desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, de forma a convergir com o pleno domínio e uso da língua(gem) nas modalidades oral e escrita. Já na primeira parte são apresentados os objetivos, com destaque para a importância de tornar os alunos capazes de

Utilizar as diferentes linguagens—verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (BRASIL, 1998, p. 7)

Considerando o exposto, há uma preocupação com a modalidade oral da língua, tanto em contextos de maior quanto de menor formalidade, levando em consideração as diferentes possibilidades de interações e práticas sociais. Assim, faz-se necessário uma reflexão sobre as questões que orientam o trabalho desenvolvido em sala de aula, visando promover e possibilitar avanços para ampliar esse universo infinito de possibilidades de uso da linguagem, a fim de construir um saber dinâmico e eficiente.

Sobre essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais ainda afirmam que

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (BRASIL, 1998, p.23)

Nesse sentido, é possível perceber que os Parâmetros Curriculares Nacionais chamam a atenção para que o aluno seja capaz de desenvolver sua competência linguística, o que implica no conhecimento das diferentes variações da língua. Sendo assim, o ambiente escolar acaba por se tornar responsável pelo desenvolvimento dessas competências, auxiliando de forma direta na construção do conhecimento, possibilitando, assim, o desenvolvimento das variedades linguísticas em diversas situações e contextos variados.

Sobre o exposto, os documentos pontuam que

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998, p. 25)

Considerando o exposto, é possível afirmar que a variação linguística do português brasileiro e o seu valor social, seja ele positivo ou negativo, se configuram numa mudança de atitude, cuidando para não se reproduzir o preconceito linguístico, primando-se por um ensino da língua materna pautado nas situações reais de uso e não somente pela tradição gramatical prestigiada.

Sobre os objetivos gerais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, é importante destacar três deles

- 1.Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- 2.Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;
- 3.Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.(BRASIL, 2001, p. 8)

A viabilidade desses objetivos depende da partilha de conhecimento, como também do investimento em experiências formativas que contribuam de maneira efetiva nas práticas pedagógicas. É importante perceber que existe a possibilidade de optar por um caminho mais produtivo para o ensino da língua em sala de aula, “a fim de atribuir um comprometimento com a democratização social e cultural para a escola, em função de garantir aos alunos um acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania”. (FREITAG, 2014, p. 64).

Nesse sentido, é possível perceber que o documento aborda de forma positiva a questão das variedades linguísticas e apontam o problema do preconceito linguístico como consequência do valor social que é atribuído aos diferentes usos da língua. É notória também

a preocupação em tornar positiva a aquisição do desenvolvimento da competência interativa, no ensino de língua materna, considerando que “qualquer língua comporta um grande número de variedades linguísticas, que devem ser respeitadas” (FREITAG, 2014, p. 64) uma vez que, a língua é heterogênea, estando sujeita a variações e mudanças que podem e acontecem constantemente.

Desse modo, o trabalho pedagógico deve contemplar, de maneira articulada, usos linguísticos e reflexão sobre a língua, adequados aos propósitos comunicativos e demandas sociais, e nesse sentido, o livro didático deve se configurar como um mecanismo que possa viabilizar essa política, abordagem que será tratada a seguir.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

O Livro didático (LD) deve configurar-se como um documento que segue as inovações linguísticas, contribuindo com o trabalho do professor. Para isso, se faz necessário que esteja em concordância com o que orienta os documentos oficiais e/ou os pressupostos da linguística contemporânea. Considerando, portanto, o objetivo deste trabalho apresenta-se, agora, os livros didáticos selecionados e em seguida será feita a análise a partir dos aspectos observados.

3.1 DESCRIÇÃO DOS LIVROS ANALISADOS

Para atender aos objetivos desta pesquisa, elegemos dois livros didáticos de língua portuguesa, de coleções e editoras diferentes. A escolha se deu, inicialmente, pelo interesse em investigar o tratamento da variação e conseqüentemente por ambos os volumes apresentarem um capítulo destinado à variação linguística.

O primeiro livro escolhido para análise foi “**Português: linguagens**” de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 7º ed. Editora Saraiva, São Paulo (2012), que apresenta como objetivo “promover uma abordagem de gramática que, mesmo fazendo uso de alguns conceitos de gramática normativa, essenciais ao exercício de um mínimo de metalinguagem, alarga o horizonte dos estudos da linguagem, apoiando-se nos recentes avanços da linguística e da análise do discurso” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012. p. 4)

O segundo livro selecionado para análise, “**Projeto Teláris: português**” de Ana Maria Trinconi Borgatto, Editora Ática, São Paulo (2012), tem por principal objetivo “interagir, compreender as mudanças trazidas pelo tempo, conviver com as diferentes linguagens, aguçar a imaginação, informar e estimular o espírito crítico”. (BORGATTO, 2012, p. 3)

Ambos são compostos por quatro unidades temáticas e divididos em três capítulos. Em Cereja; Magalhães, 2012 as unidades são finalizadas com a seção *Intervalo*, trazendo propostas de projetos que associam leitura, oralidade e produção textual; em Borgatto, 2012 as unidades são finalizadas com a seção *Ponto de chegada*, com propostas de produções textuais, associadas a contos, relatos pessoais e anúncios publicitários. Os dois livros trazem um capítulo dedicado à variação linguística, cuja abordagem se dá de forma tímida, como é possível perceber nas atividades analisadas.

3.1.1 Sobre o livro “Português: Linguagens” de Cereja e Magalhães (2012)

O livro Português: linguagens; de Cereja e Magalhães (2012) apresenta temas variados, os quais organizam cada uma das unidades, com atividades que podem ser realizadas dentro ou fora da sala de aula, a saber pesquisas, leituras, filmes, músicas etc. Em se tratando da variação linguística, o capítulo 2, em um tópico intitulado *A língua em foco*, trata sobre “As variedades Linguísticas”, procurando alterar o tratamento tradicional da gramática. A seção inicia com a tira de Fernando Gonsales, onde é explorada a diversidade linguística existente em nossa língua.



A tira é construída através das diferenças de uso da língua portuguesa. O papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher, pelo uso de uma variedade não padrão, a marca do “r”, que caracteriza um dialeto caipira.

O autor faz uso dessas diferenças para criar o humor da tira, e reflete, ainda, através da atividade de interpretação da tira, sobre o preconceito linguístico que é gerado através do uso das variações. Vejamos:

4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio? (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 37)

A tira chama a atenção para o fato do preconceito linguístico, quando o personagem devolve o papagaio que comprou em face da pronúncia das palavras em desacordo com a língua padrão. Outra questão importante a ser observada é o fato da linguagem usada pelo papagaio ter sido adquirida a partir das interações com o seu dono.

Sobre essa questão, Bortoni-Ricardo (2004) postula que a escola não pode ignorar as diferenças linguísticas, e sim incentivar um ensino criativo e competente do português, promovendo uma contribuição para o desenvolvimento do uso e compreensão da língua.

Considerando o exposto, não é possível afirmar que a atividade proposta contribua para o desenvolvimento do uso e compreensão da língua. Embora haja o espaço para a discussão sobre a ocorrência das variedades linguísticas, uma única questão trata sobre o preconceito linguístico, o que poderá não despertar no aluno o reconhecimento de sua linguagem em uso, já que a ênfase no texto é o humor provocado a partir da pronúncia das palavras pelo papagaio em interação com o dono.

Na seção *Conceituando* os autores iniciam apresentando o conceito para o termo Variedades linguístico, onde afirmam que “são as Variações linguísticas que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (p. 37). Ainda nessa mesma seção, os autores afirmam que para evitar que cada um use a língua a sua maneira, em todo mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem ao que chamam de norma padrão, que atuam como uma espécie de “lei” que organiza o uso da língua. Assim, afirmam que a norma padrão “é um referencia, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita” e também conceituam as variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como norma culta, como “as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda mais alta”. (p. 38)

Na mesma seção, há uma tira de Adão Iturrusgarai, que apresenta a adequação e inadequação da língua de acordo com a situação em que for utilizada. Na tira, os pais do personagem Zezo estão de saída para um casamento, e o pai reclama da roupa do filho, que para ele é inadequada para a ocasião. O humor da tira concentra-se no modo como o personagem se veste. Com isso, pode ser proporcionada aos alunos a compreensão de que em situações mais formais, emprega-se uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Vejamos:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

A seção *Exercícios* inicia-se com a leitura da música, “Saudosa Maloca” (ANEXO A) do compositor Adoniran Barbosa, que apresenta variações linguísticas em sua letra. A atividade de interpretação sugere ao aluno, inicialmente, identificar, pela linguagem, o provável perfil socioeconômico e cultural do locutor da música; na sequência propõe que o aluno identifique determinadas variedades linguísticas, presentes na letra da música. Vejamos:

2. Identifique no texto:

- duas palavras que se associam ao dialeto caipira; arto (alto), veia (velha), alembrá (lembrar), paia (palha)
- variação linguística ocasionada por baixa escolaridade; preciã, tauba, os homi tá, nós arranja
- exemplos da língua oral informal. tá, cas, nós, mandô

(CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 44)

Aqui, também, não se percebe um atendimento ao que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), ao afirmarem que “A variação linguística é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis” (BRASIL, 1998, p. 29), já que os exercícios se dão de forma mecânica, com pouco espaço para discussão que possa favorecer essa compreensão.

Ainda na seção *Exercícios* é apresentado um quadro com algumas expressões, e seus significados, usados na região Nordeste, intitulado “Oxe! Fale sem pantim!”. Embora nessa seção sejam encontradas atividades de reconhecimento gramatical, a finalidade central do livro, ao trabalhar a língua é de garantir um mínimo de metalinguagem que permita ao aluno dar saltos maiores do ponto de vista semântico ou discursivo.

Na seção *Na construção do texto*, o objetivo das atividades está centrada não só em constatar o emprego da categoria estudada, mas observar sua função semântica e estilística. Nessa seção a categoria estudada são “As Variedades Linguísticas”, partindo do princípio que as escolhas linguísticas do texto não são feitas ao acaso, mas orientadas pelo sentido pretendido pelo autor. Essa seção pretende demonstrar ao aluno que essas escolhas são em

grande parte responsáveis pela construção de sentidos. A seção inicia com uma proposta de leitura de um texto intitulado “Pechada” (ANEXO B), retirado da revista Nova Escola, de Maio de 2001. O texto fala sobre uma escola do Rio Grande do Sul, e do dialeto da região, apresentado pelo personagem Rodrigo.

As atividades propostas para o texto, inicialmente, fazem uma reflexão sobre o dialeto típico da região, na sequência, fazem uma ressalva as situações de preconceito linguístico que podem ocorrer no ambiente escolar e faz uma reflexão sobre os fatores que contribuem para o crescimento do preconceito linguístico, porém tudo é feito de forma superficial, com pouca ênfase às variedades linguísticas (ver anexo B).

Em *Semântica e discurso*, os autores usam uma anedota, contada por Ziraldo, presente na página 47, como recurso para destacar as gírias, e fazem uma breve apresentação deste “modismo linguístico”, através da construção dos enunciados das atividades. A anedota conta a história do pai, professor de gramática, que pede ao filho para não fazer uso das gírias “cafona e careta”. As atividades chamam a atenção para a permanência dessas palavras no nosso cotidiano e propõe um trabalho voltado para a coleta de dados, desenvolvido através de conversa com os pais e os avós, buscando listar algumas gírias utilizadas no tempo em que os mesmos eram crianças, o que pode ser considerada uma atividade proveitosa, levando em conta a interferência do professor.

Ainda nessa mesma seção, é proposta a leitura do cartum de Santiago, que mostra a evolução da língua na época do descobrimento do Brasil e na atualidade. As atividades sugerem inicialmente o entendimento histórico do cartum, por meio da observação das imagens presentes no mesmo, posteriormente explora o humor presente no cartum, apresentado pela fala do índio. A última atividade faz relação a diferença entre a linguagem dos personagens e faz um questionamento junto aos alunos sobre a grafia utilizada pelo cartunista para mostrar essa divergência.

Finalizando essa seção os autores trazem um texto da Folha de São Paulo (1998), intitulado “Contraponto” que dispõe de uma reflexão em respeito à valorização da variedade padrão da língua e finaliza com o seguinte questionamento: “E você, o que pensa disso? Na sua opinião, somente a variedade padrão é que deve ser prestigiada? Por quê? Troque ideias com os colegas.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 48)

Enfim, trata-se de uma seção que, por meio das atividades, proporciona uma breve observação dos fatos linguísticos e dos os mecanismos de funcionamento da língua. Mesmo com essas observações, o livro não consegue contemplar o seu objetivo de “alargar o horizonte dos estudos da linguagem, apoiando-se nos recentes avanços da linguística e da

análise do discurso.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 4), uma vez que, como pode ser observado, todas as ocorrências das variedades linguísticas estão associadas sempre ao humor, o que revela a forte presença do preconceito linguístico e furta do aluno a possibilidade de pensar a língua em suas mais variadas formas de uso.

3.1.2 Sobre o livro “Projeto Teláris: português (Borgatto, 2012)”

O livro “Projeto Teláris: Português”, de Borgatto (2012), apresenta uma unidade de introdução, a qual tem por objetivo fazer uma reflexão sobre os aspectos que contextualizam a língua portuguesa, no universo das linguagens, do ponto de vista sócio histórica. O tema desenvolvido enfatiza a constitutividade da língua, priorizando os aspectos da língua e a diversidade cultural. Essa introdução não tem a intenção de sistematizar conteúdos, mas de estimular, no início dos trabalhos do ano letivo, conversas e reflexões sobre a língua nos contextos sócio históricos.

Em *Língua: usos e reflexões*, o objetivo é promover um estudo sobre as escolhas linguísticas realizadas no texto e sobre usos e convenções dos modos de organização do sistema da língua portuguesa. Desse modo, nessa seção chama a atenção dos alunos para as variedades linguísticas, defendendo, pois, a língua como sistema inacabado, com normas e termos próprios diferentes em cada região, em cada grupo social, entretanto a discussão não é aprofundada.

O autor segue fazendo a descrição desses fatores, da página 30 a 35. No tópico **Situação comunicativa**, retomam os conceitos de linguagem formal e informal, apresentando propostas de discussões sobre os tipos de linguagem e qual o tipo é apropriado para cada situação. Ainda nesse tópico, o livro traz a tira de Calvin, acompanhada do seguinte questionamento: “Com que intenção Calvin e seu tigre escolheram essa linguagem tão formal e incomum nas brincadeiras infantis?” (BORGATTO, 2012, p. 30).



O interesse é proporcionar aos alunos a compreensão de que a escolha para empregar a linguagem formal ou informal, depende da situação em que o falante estiver envolvido, suas intenções e das pessoas a quem estiver se dirigindo. No tópico **Região**, é apresentado o conceito de variedade regional, e proposta a leitura da letra de uma canção popular brasileira intitulada “Cuitelinho” (ANEXO C) de Paulo Vanzolini, que reproduz o falar típica de pessoas da região de Minas Gerais. A atividade de interpretação propõe uma análise dos efeitos da sonoridade e do ritmo, que provavelmente seriam perdidos se a letra da música fosse alterada para seguir as regras da variedade padrão.

Em **Grupo social**, o autor faz uso da tira de Schulz, para destacar que a linguagem varia conforme o grupo de pessoas que a usa e na sequência faz o seguinte questionamento:



“1. Se uma das personagens fosse uma pessoa idosa, talvez a frase não fosse a mesma. Por quê?” (BORGATTO, 2012, p. 34). Numa referência à variação linguística, considerando os fatores de idade e/ou grupo social, uma vez que, de acordo com Jespersen (apud LEITE, 2006, p. 181) “a fala do indivíduo, considerado isoladamente dentro do grupo, não é sempre a mesma. Seu tom na conversação e, com ele, a escolha de palavras muda segundo a camada social em que se encontra no momento.”.

Ao término do capítulo I, é disposto ainda um quadro no intuito de organizar e sistematizar o que foi estudado no decorrer do mesmo, onde são apresentadas de forma sucinta os diferentes usos da língua de acordo com a situação econômica, religião e grupo social, onde o autor ainda reafirma a presença de inúmeras variedades linguísticas produzidas por fatores regionais, profissionais, de idade, entre outros, e destaca as correspondências aos usos da linguagem formal e informal.

O capítulo II faz uma abordagem sobre os contos populares buscando demonstrar aos alunos a inferência de sentidos da linguagem no texto e as variedades linguísticas. O capítulo se inicia com a proposta de leitura do texto “A panela...” (ANEXO D) de Pedro Bandeira, que apresenta diversas variações, da tradição oral da língua. Em *Linguagem do texto*, o autor busca apresentar as inferências sobre efeitos de sentido provocados pelas escolhas linguísticas. Inicialmente o autor dispõe os tipos de variedades linguísticas existentes e

destaca que “há duas formas que estão sempre presentes: formal, chamada de variedade-padrão, utilizada de acordo com as regras da gramática normativa; informal, utilizada em roda de amigos, entre familiares e em situações em que a linguagem não precisa seguir regras rígidas da linguagem considerada padrão” afirmando ainda que, “em algumas situações, por exemplo, em um texto científico, percebe-se apenas o uso do nível formal. Em outras situações – um bate-papo entre amigos – o nível informal será o mais presente”. (BORGATTO, 2012, p. 47-48).

Ainda neste mesmo tópico, os alunos são convidados a reconhecer e identificar os casos de linguagem informal presentes no texto, proposto inicialmente no capítulo, que podemos encontrar no anexo E. Os casos são: (I) o uso de diminutivos; na linguagem informal está associado às ideias de carinho, afeto; como também a pouco caso, desprezo. (II) uso de palavras próprias da linguagem popular, no texto empregadas no sentido pejorativo pelo personagem Zé Trabuco. (III) Redução da palavra, fato bem comum da linguagem oral e outras expressões da linguagem popular.

Mesmo com a presença e o reconhecimento das variações linguísticas na sociedade e no ensino, a sua abordagem ainda é embrionário nos materiais didáticos, uma vez que, ambos os livros analisados, dão enfoque a essa teoria, mas a supervalorização da norma padrão é bastante viva, visto que, os volumes apresentam o trabalho com a variedade, mas não a exploram nas demais unidades. Assim, podemos concluir que os livros em análise, apesar de abordarem o tema, não estão em total sintonia com as teorias sociolinguísticas, e acabam se distanciando de alguns dos pressupostos teóricos que norteiam o ensino, mais precisamente o ensino da variação.

As atividades analisadas revelam que um longo caminho ainda precisa ser percorrido no sentido de tornar o ensino mais produtivo, com abordagens aos usos sociais da língua, o que exige do professor uma tomada de decisão quanto aos encaminhamentos que fará além do livro didático, já que esses, em sua maioria, apresentam tímidos espaços para a discussão da variação linguística, o que poderá comprometer o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, competência relacionada ao conhecimento e domínio de uma multiplicidade de discursos com todas as suas peculiaridades. E não sendo desenvolvida sua competência, o sujeito não só deixará de compreender a interrelação língua e sociedade, mas também sentirá dificuldades em estabelecer interação com o outro nas mais diferentes situações de uso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir do interesse em apresentar as implicações das variedades linguísticas no ensino de língua portuguesa em sala de aula, mais especificadamente seu tratamento em dois livros didáticos: “Português: Linguagens” e “Projeto Teláris: Português”, ambos do 6º ano do ensino fundamental. .

A partir do reconhecimento do livro didático como um dos principais aportes teóricos acessíveis ao aluno e ao professor e de que o direcionamento do trabalho com esse material é muito importante, foi possível perceber que o professor exerce papel preponderante no alcance dos objetivos propostos para o ensino da variação linguística nas aulas de língua portuguesa.

Após a pesquisa pode-se constatar a presença de avanços na interface entre o ensino de língua e o tratamento das variações linguísticas, mas ainda há algumas situações que não correspondem às expectativas e fogem das propostas para o pleno desenvolvimento das competências e habilidades contempladas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O estudo possibilitou perceber que, apesar dos objetivos propostos pelos livros didáticos, ainda há um descompasso entre esses e as atividades efetivamente definidas como mecanismo de acesso ao tratamento da variação linguística e compreensão do uso da língua em diferentes situações comunicativas, inerentes à atividade humana.

Assim, a realização desta pesquisa comprova a importância do ensino da variação linguística e confirma que se o professor não redimensionar sua prática pedagógica para além do que apresenta os livros didáticos, bem como lançar novos olhares para o que se tem de estudos desenvolvidos sobre a língua/linguagem, poderá se restringir a um trabalho que pode comprometer importantes avanços do aluno, muitas vezes necessários para sua autonomia enquanto sujeito social.

Espera-se, assim, que tais resultados possam contribuir para a notoriedade do debate quanto a importância de se estudar as variedades linguísticas, com vistas a um melhor aproveitamento do ensino de língua materna e a compreensão de que os livros didáticos não podem ser encarados como os únicos objetos norteadores das práticas docente, mas como um deles, o que possibilitará o redirecionamento do tratamento dispensado a esse material, que ainda deixa muitas lacunas quando do tratamento de aspectos da língua considerados relevantes para o pleno desenvolvimento da competência linguística do aluno, como é o caso do tratamento das variedades linguísticas discutido nesta pesquisa.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

ABSTRACT

Considering the importance of the teaching of linguistic variation in mother tongue, this study aims to analyze how this phenomenon is treated in textbooks of Portuguese language, specifically in the sixth grade of elementary school. From a bibliographical and documentary research, exploratory and descriptive, sought to build a theoretical contribution to the heterogeneous nature of language and its relation to the socio-cultural aspects, identifying how the assumptions of Sociolinguistics are correlated to official documents that guide school practices and methodologies. So, based on the national curriculum Parameters (Brazil, 1998), Labov (1972, 2008), Antunes (2003), Bagno (2002, 2009), Bortoni-Ricardo (2004) among other contributions of contemporary Linguistics, which enabled us to analyze activities and conclude that the change still does not occupy a significant space in textbooks of Portuguese language.

Keywords: Portuguese language. Language. Teaching.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 1961.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael e GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris**. v. 6. São Paulo: Ática, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). **Sociolinguística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis; EdUFSC, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEREJA. William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: linguagens. v. 6. São Paulo: Saraiva, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Prova de redação do ENEM**: divergências entre orientações para a prática e as diretrizes de avaliação. Sergipe: Interdisciplinar, 2014.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

Saudosa maloca

Si o senhor não tá lembrado
 Dá licença de contá
 Que aqui onde agora está
 Esse edifício arto
 Era uma casa veia
 Um palacete assobradado
 Foi aqui, seu moço
 Que eu, Mato Grosso e o Joca
 Construimos nossa maloca
 Mais um dia
 nós nem pode se alembra
 Veio os homi cas ferramentas
 O dono mandô derrubá
 Peguemos tudo as nossas coisa
 E fumos pro meio da rua
 Preciá a demolição
 Que tristeza que nós sentia
 Cada tauba que caía
 Duía no coração
 Mato Grosso quis gritá
 Mas em cima eu falei:
 Os homi tá ca razão
 Nós arranja outro lugá
 Só se conformemos quando o Joca falou:
 “Deus dá o frio conforme o cobertô”
 E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
 E pra esquecê nós cantemos assim:
 Saudosa maloca, maloca querida
 Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida



Oswaldo Jumo/AE

Adoniran Barbosa.

(“Saudosa maloca”, de João Rubinato (Adoniran Barbosa). © 1955 by Irmãos Vitale S. A. Indústria e Comércio.
 Todos os direitos reservados para todos os países.)

ANEXO B

Pechada

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de “Gaúcho”. Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

— Aí, Gaúcho!

— Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

— Mas o Gaúcho fala “tu” — disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.

— E fala certo — disse a professora. — Pode-se dizer “tu” e pode-se dizer “você”. Os dois estão certos. Os dois são portugueses.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

— O pai atravessou a sinaleira e pechou.

— O quê?

— O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.

— O que foi que ele disse, tia? — quis saber o gordo Jorge.

— Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.

— O que é isso?

— Gaúcho... quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

— Nós vinha...

— Nós vínhamos.

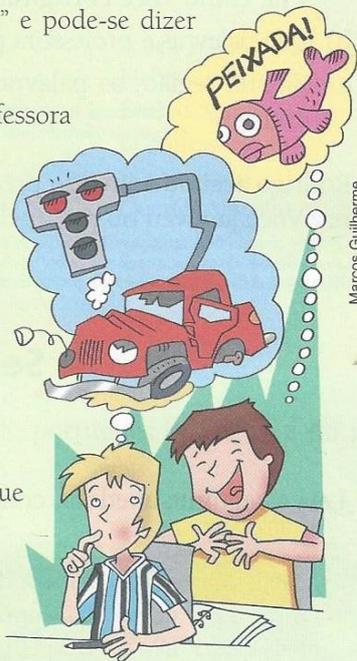
— Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o gordo Jorge rindo daquele jeito.

“Sinaleira”, obviamente, era sinal, semáforo. “Auto” era automóvel, carro. Mas “pechar” o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que “pechar” vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

— Aí, Pechada!

— Fala, Pechada.



Marcos Guilherme

ANEXO C

Cuitelinho

Cheguei na bera do porto
 onde as onda se espaia
 As garça dá meia-volta
 senta na bera da praia
 E o cuitelinho não gosta
 que o botão de rosa caia, ai, ai, ai

Quando eu vim de minha terra
 Despedi da parentaia
 Eu entrei em Mato Grosso
 dei em terras paraguaia
 Lá tinha revolução
 enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai

A tua saudade corta
 como o aço de navaia
 O coração fica aflito
 bate uma, a outra faia
 E os oio se enche d'água
 que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai

TEIXEIRA, Renato; Pena Branca; Xavantinho.
 Ao vivo em Totuí. [S.l.]: Kuarup Discos,
 2005. 1 CD. Faixa 16.

NIK NEVES/ARQUIVO DA EDITORA



ANEXO D

A panela...

Pedro Bandeira

Lá na vila apareceu
o safado Zé Trabuco,
que encontrando dois tropeiros
propôs logo jogar truco.

Zé Trabuco era danado,
era o mestre das mentiras.
Trapaceou tanto no jogo
que enganou os dois caipiras.

Dos tropeiros, enganados,
foi-se todo o dinheiro,
pois até dezoito mulas
carregou o trapaceiro.

Malasartes foi à vila
pra comprar fumo de rolo
Encontrou os dois tropeiros
em um grande desconsolo.

– Pedro amigo nos ajude!
Veja só o que aconteceu:
num joguinho, o Zé Trabuco
com trapaça nos venceu.
Zé Trabuco jogou sujo
e o dinheiro ele ganhou.
Enganando todos nós,
até as mulas nos levou!

Pedro foi até a venda
pra fazer uma comprinha.
Quis feijão, cebola e sal,
além de uma panelinha.

Foi pra beira de uma estrada
esperar o trapaceiro.
Temperou bem o feijão
e acendeu um bom braseiro.



Quando ouviu tropel de mulas,
Pedro o plano começou.
Pôs no chão a panelinha
e o braseiro ele apagou.

Agachou-se ali do lado
bem por onde o outro vinha
e ficou muito quieto
vigiando a panelinha.

Com as mulas, pela estrada,
Zé Trabuco foi chegando
E de longe percebeu
a panela fumegando.

Surpreendido, achou que aquilo
com certeza estava errado,
e chegando mais pra perto
foi falando debochado:

– Ó caipira, o que é que é isso?
É burrice ou é um jogo?
Como pode cozinhar
na panela sem o fogo?

Malasartes nem ligou
pro deboche do safado.
Remexeu na panelinha
e cuspiu para o outro lado:
[...]

– A panela é infernal,
das vasilhas é a rainha,
pois é só pedir a ela
e sem fogo ela cozinha!
Meu feijão está quase pronto
e é hora do jantar.

*Se o amigo não se ofende
poderia então provar?
Pra falar toda a verdade,
eu tempero muito mal
O que acha, meu amigo,
Não estará faltando sal?*

*Zé Trabuco se abaixou,
foi provar da panelinha.
Descobriu que estava cheia
e que estava bem quentinha.*

*– Nada falta, está no ponto! –
espantou-se Zé Trabuco.*

*– Essa mágica é tão grande
que vai me deixar maluco.
Um milagre tal qual esse
eu desejaria ter.*

*O que acha, meu amigo,
de a panela me vender?*

*Zé Trabuco ofereceu
o dinheiro que trazia,
mas o Pedro Malasartes
achou que era ninharia:*

*– Sua oferta, meu compadre,
poderia ser melhor,
pois eu acho que o valor
da panela é bem maior.
A panela é raridade,
não se encontra em todo lado.
Se essas mulas incluir,
o negócio está fechado.*

*Zé Trabuco lá pensou:
outras mulas e dinheiro
haveria de ganhar
de qualquer tolo roceiro.*

*No entanto, ele pensava
que magia igual àquela
nunca mais iria achar
a não ser na tal panela.*

*A bendita da panela,
com qualquer caldinho ralo,
a enganar a toda gente
haveria de ajudá-lo.*

*– Mas é claro que eu aceito!
Leve logo tudo embora.
Eu só quero essa panela
para mim sem mais demora!*

*Malasartes foi embora
feliz com a esparrela
e deixou o Zé Trabuco
a sorrir para a panela*

*O idiota do Trabuco,
muito tempo ele esperou,
mas dali para diante,
a panela só esfriou!*

BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras:
safadezas de Malasartes*. São Paulo:
Moderna, 2003. p. 41-47.